

UM ALARGAMENTO GEOPOLÍTICO NUM CONTEXTO CONTESTADO DINÂMICAS DE FRONTEIRA NO REPOSICIONAMENTO DA UNIÃO EUROPEIA A LESTE¹

Maria Raquel Freire

INTRODUÇÃO

O projeto de construção europeia visou, desde o seu início no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, permitir paz, estabilidade e prosperidade. O alargamento da Comunidade Económica Europeia, então restrita a seis membros, esteve sempre na agenda, acompanhado de um processo de integração que permitisse expandir o espaço de segurança e prosperidade enquanto assegurando um funcionamento institucional adequado. A Política de Alargamento tornou-se parte do processo de consolidação deste projeto político, económico e de segurança, e de ampliação da área de prosperidade e estabilidade ao longo dos anos, contudo, várias crises políticas, económicas e sociais, lidas como catalisadoras de reformas, mas implicando em vários casos vozes mais cétricas em relação ao processo de integração europeia, e a guerra na Ucrânia desde 2014, em particular, trouxeram uma alteração fundamental ao quadro político e de segurança europeu que levou à releitura deste instrumento político. Se ao longo da história da construção europeia os alargamentos foram lidos como uma das estratégias de diplomacia transformadora mais bem-sucedidas da União Europeia (UE)², dada a disponi-

RESUMO

Este artigo analisa o atual alargamento da União Europeia a leste, olhando dinâmicas de fronteira, e de que modo a sua construção e desconstrução contribui para os imaginários coletivos de segurança e insegurança num novo quadro geopolítico. O artigo argumenta que o alargamento adiciona uma componente de segurança e de construção de fronteiras diferenciada, com cunhos materiais e simbólicos fundamentais para a própria credibilidade da União. A alteração geopolítica que a guerra na Ucrânia implica levou a um reajuste das políticas da União também num sentido geopolítico, com esta a apresentar-se como locus de resistência face ao «outro-violento», numa dupla dinâmica de contenção da violência e da violação fundamental do regime de fronteiras na Europa através do uso da força pela Rússia, bem como de releitura do seu passado como o «outro» significativo, materializado nas grandes guerras, às quais não quer voltar.

Palavras-chave: alargamento, Parceria Oriental, fronteira.

ABSTRACT

A GEOPOLITICAL ENLARGEMENT IN A CONTESTED CONTEXT: BORDER DYNAMICS IN THE EUROPEAN UNION'S REPOSITIONING TOWARDS THE EAST

This article analyses the current enlargement of the European Union to the East, looking at border dynamics, and how their construction and deconstruction contributes to collective imaginaries of security and insecurity in a new geopolitical framework. The article argues the current enlargement brings processes of borderisation, with material and symbolic aspects fundamental to the Union's credibility. The geopolitical change that the war in Ukraine implies led to a readjustment of European Union policies also in a geopolitical sense, with the European Union presenting itself as a locus of resistance in the face of the 'violent-other', in a double dynamic of containing violence and the fundamental violation of the border regime in Europe by Russia, as well as re-reading its past as the significant 'other', materialised in the world wars, where it does not want to return.

Keywords: enlargement, Eastern Partnership, border.

Estados próximos das fronteiras da UE, mais ou menos interessados num processo gradual de aproximação. Então, não estava prevista a possibilidade de integração formal, o que se alterou com a modificação do quadro geopolítico europeu, mais precisamente no contexto de violência na Ucrânia e com a invasão russa em larga escala de fevereiro de 2022. De facto, o alargamento não esteve na agenda durante a Comissão Juncker (2014-2019) e nos primeiros anos da Comissão von der Leyen (2019-2021), como visível na estrutura institucional que incluía a Política de Alargamento e de Vizinhança na Direção-Geral da Política de Vizinhança e das Negociações de Alargamento (NEAR) de janeiro de 2015⁷.

O alargamento geopolítico que envolve as candidaturas do «trio» – Moldova, Ucrânia e Geórgia –, esta última por agora suspensa⁸, além dos Balcãs Ocidentais, traz uma nova dimensão a este instrumento político, que condiciona a própria legitimidade e

bilidade e compromisso reformista dos Estados candidatos em cumprirem os critérios de adesão e, desse modo, de se aproximarem nas suas formas de ação e resposta da União, esta política não esteve isenta de críticas³.

As reformas são em muitos casos implementadas de forma parcial e os atores nacionais têm capacidade para minimizar os impactos das políticas, como ilustrado no caso de países com retrocessos democráticos, de que a Hungria se tornou o caso exemplar⁴. Esta dimensão de compromisso e vontade política dos países candidatos é central. De facto, «a UE não tem uma varinha mágica para transformar outros países – a menos que estes queiram ser transformados. Esta é a principal lição das vagas de alargamento das décadas de 1990 e 2000»⁵. Além do mais, críticas de «imposição» de um modelo de cariz neoliberal com acentuação em liberdades e direitos fundamentais e princípios democráticos entendidos como forma de moldar potenciais escolhas políticas têm sido referidas múltiplas vezes⁶. Neste contexto, a ideia de que os alargamentos são geopolíticos também foi sendo veiculada, com a identificação de áreas regionais de fronteira onde a UE se pretendia posicionar de forma mais clara, tornando as fronteiras menos rígidas através da promoção de cooperação em áreas concretas e dos valores e princípios associados ao projeto europeu. O desenho da Política Europeia de Vizinhança (PEV) surge neste contexto, não necessariamente como alternativa, mas como um meio de oferecer um programa de integração informal alargado aos

credibilidade da UE. Num contexto de hostilidade para com a Rússia, a promessa de alargamento como forma de resistência tornou-se bem patente. O que mudou então no quadro da dimensão geopolítica dos alargamentos? O que é novo nesta equação política? Os conceitos mobilizados como os de pragmatismo e resiliência baseados em princípios, juntamente com dinâmicas de construção e desconstrução de fronteiras, reais e simbólicas, têm implicações de segurança sobre o que estas dinâmicas significam, quem são os seus alvos e como as mudanças podem ser efetivadas. Contudo, estes conceitos não são novos, estando bem patentes já na Estratégia Global de 2016⁹ e no mais recente documento estratégico adotado, a Bússola Estratégica de 2022¹⁰. Numa lógica algo reativa, estes fizeram parte da resposta ao início da guerra na Ucrânia e à anexação da Crimeia em 2014.

De modo a perceber os contornos geopolíticos dos alargamentos, este artigo olha as dinâmicas de fronteira e de que modo a sua construção e desconstrução contribui para os imaginários coletivos de segurança e insegurança num novo quadro geopolítico. As dinâmicas de fronteira ganharam nova dimensão, em particular após 2014, com a Rússia a falar em «reintegração» histórica do território da Crimeia, ativando «imaginários geopolíticos e históricos» da península¹¹, enquanto uma clara violação da soberania e integridade territorial da Ucrânia estava em curso. A anexação da Crimeia foi enquadrada numa leitura identitária da área pós-soviética promovida pela Rússia, ao mesmo tempo que encarnava a geopolítica impulsionada pela *Realpolitik*¹². As leituras de fronteira e as dinâmicas de confrontação vão acelerar os processos já em curso de geopolitização de agendas e instrumentos no desenho das decisões e políticas da UE. Neste contexto, este artigo argumenta que o alargamento a leste é geopolítico, tendo sido mobilizado por uma política externa russa revisionista agressiva e militarizada, adicionando uma componente de segurança e de construção de fronteiras diferenciada, com cunhos materiais e simbólicos fundamentais para a própria credibilidade da União. O artigo começa por mapear as dinâmicas de fronteira e como estas nos ajudam a compreender os processos de ajustamento em curso na Europa alargada, e no contexto do novo alargamento a leste. Em seguida, o artigo olha para a Comissão geopolítica de von der Leyen e a forma como a transformação de uma Europa normativa para uma Europa geopolítica, sem uma necessariamente substituir a outra, tem estado em curso. A guerra na Ucrânia tem sido um catalisador destes processos e o alargamento a leste da UE incarna dinâmicas de refronteirização, quer em termos materiais através da alteração da fronteira externa da UE, quer em termos simbólicos na representação que estas barreiras implicam quanto à localização de segurança e resistência face ao «inimigo» – a Rússia como o «outro» agressor. A análise destes desenvolvimentos e de como a Política de Alargamento é enquadrada na Moldova, na Ucrânia e na Geórgia, e de que modo esta se constitui como um caso complexo na Geórgia, serão aqui objeto de análise. Este estudo segue uma metodologia qualitativa de análise de narrativas com base em documentos e discursos oficiais, seguindo o entendimento de que a análise

de narrativas permite identificar tendências e formatos de entendimento, olhando de forma situada para o modo como as ideias e as políticas são apresentadas e disseminadas. O artigo conclui que a alteração geopolítica que a guerra na Ucrânia implica levou a um reajuste das políticas da UE também num sentido geopolítico, de que a Política de Alargamento a leste é mais um exemplo, implicando ainda um processo de esvaziamento da Parceria Oriental¹³. Neste quadro, a UE apresenta-se como *locus* de resistência face ao «outro», numa dupla dinâmica de contenção de violência e de violações fundamentais ao regime de fronteiras na Europa através do uso da força pela Rússia, bem como de releitura do seu passado como o «outro» significante, materializado nas grandes guerras, às quais não quer voltar.

FRONTEIRAS COMO PROCESSOS: DINÂMICAS MATERIAIS E SIMBÓLICAS NA RECONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS

Os estudos tradicionais de fronteiras com base na delimitação, na soberania e na territorialidade têm vindo a dar espaço a novas abordagens mais complexas relativamente ao significado, aos tipos e às funções das mesmas¹⁴. No cerne desta mudança está uma leitura dinâmica de fronteira, seguindo práticas e discursos sociais que se afastam da pergunta tradicional sobre «o quê» e questionam, antes, «o como», olhando práticas discursivas de ordenamento¹⁵. Deste modo, a fronteira é entendida como um processo, e não apenas como uma barreira física imutável, refletindo práticas de integração e/ou exclusão, de abertura e/ou controlo, e estando também relacionada com dinâmicas identitárias. Estas lógicas, por vezes sobrepostas, mostram como as fronteiras não são estáticas, expressando processos de refrenteirização (*rebordering*) e de desfronteirização (*debordering*)¹⁶. Abordagens diferenciadas na mesma fronteira remetem para o cariz camaleónico da fronteira, dependendo dos sujeitos e dos objetos. A fronteira externa da UE é, neste contexto, fundamental na forma como acolhe e se projeta, bem como no modo como se retrai e protege. Nas palavras de von der Leyen, «[a] Europa apoia aqueles que necessitam de proteção. Todos aqueles que fogem das bombas de Putin são bem-vindos na Europa. Forneceremos proteção àqueles que procuram abrigo e ajudaremos quem procura um caminho seguro para casa»¹⁷. A ideia da fronteira acolhedora e a simbologia da Europa de portas abertas à Ucrânia e aos ucranianos fica clara, contrapondo-se ao debate sobre a «Europa fortaleza», fechada a pessoas provenientes de outras geografias¹⁸. Estas dinâmicas de refrenteirização e desfronteirização traduzem-se também na Política de Alargamento.

As fronteiras mostram igualmente como a leitura sobre o «outro» varia. A alteridade é um processo complexo que difere no tempo e no espaço e é altamente politizado, potenciando novas barreiras entre os que estão «dentro» e os que ficam «fora». É neste contexto que a UE desenvolveu mecanismos como a PEV, de modo a assegurar que as fronteiras não são rígidas e que a cooperação pode ser densa e aprofundada, na medida das expectativas e das vontades de cada parceiro. Contudo, não só o modelo revelou

limites, como analisado mais adiante, mas ainda contribuiu para dinâmicas de refronteirização, contrárias à ideia de maleabilidade e porosidade material e simbólica que lhe estava subjacente. A rigidificação da leitura do «outro», motivada pela escalada da guerra na Ucrânia e pela geopolitização da UE, implicou a releitura das suas fronteiras externas e do quadro da Parceria Oriental, numa lógica de barreira e proteção contra o agressor Rússia.

A RIGIDIFICAÇÃO DA LEITURA DO «OUTRO», MOTIVADA PELA ESCALADA DA GUERRA NA UCRÂNIA E PELA GEOPOLITIZAÇÃO DA UE, IMPLICOU A RELEITURA DAS SUAS FRONTEIRAS EXTERNAS E DO QUADRO DA PARCERIA ORIENTAL, NUMA LÓGICA DE BARREIRA E PROTEÇÃO CONTRA O AGRESSOR RÚSSIA.

Muito interessante na construção da UE e da leitura do «outro» é a forma como esta se relaciona com o seu próprio passado, referido como o «eu passado». O passado de guerra que leva ao surgimento das Comunidades Europeias está sempre muito presente no imaginário político europeu, em que o normativo ganhou uma dimensão tão clara. Em linha com o que argumenta Thomas Diez,

«durante a maior parte do tempo após a Segunda Guerra Mundial, o “outro” mais importante na construção de uma identidade europeia foi o próprio passado da Europa. Esta forma temporal de alteridade ofereceu a possibilidade de formar uma identidade através de práticas menos antagónicas e excludentes do que era comum na sociedade internacional moderna. No entanto, desde a década de 1990, as diferenças geográficas e culturais têm aumentado, marcando um regresso da geopolítica nas construções da identidade europeia e minando a noção de integração europeia como um desafio fundamental para o mundo dos Estados-Nação»¹⁹.

Se então falávamos de um «mundo sem fronteiras – *borderless world*»²⁰ ou de *borderlessness*²¹, o contexto atual de contestação e competição aponta para dinâmicas de maior fragmentação e para a construção de novas barreiras.

O processo de construção do «eu-UE» tem procurado distanciar-se deste passado violento. Como argumentam Neumann e Welsh²², os problemas que dominam a relação da UE com o «outro» não se limitam ao domínio das relações externas, mas estão intrinsecamente ligados à questão do que significa ser europeu e que requisitos são necessários para atingir esse estatuto. Esta questão é ainda mais premente no contexto do atual alargamento a leste. As palavras da Presidente da Geórgia, Salome Zourabichvili, dirigindo-se ao Parlamento Europeu, são bastante relevantes neste sentido, sublinhando a escolha europeia e a forma como as reformas necessárias para a adesão à UE são uma escolha, parte da cultura e dos valores georgianos, parte da sua identidade, e não «algumas ideias estrangeiras que nos são impostas – como foi a ideologia soviética»²³. Deste modo, nestes processos de transformação e aproximação, o «outro» não deve ser lido como simplesmente inferior, subordinado, dominado ou estigmatizado, já que este

«outro» detém agência e pode exercer resistência²⁴. A Ucrânia assumiu bem este papel. A resposta do Presidente ucraniano à oferta de asilo político da parte dos Estados Unidos logo nos primeiros dias da invasão em larga escala tornou-se paradigmática: «precisamos de munições, não de uma boleia»²⁵. As dinâmicas de resistência de alguns membros da Parceria Oriental mostram, por um lado, como a Rússia se tornou um importante motor nos processos de redefinição de fronteiras com fortes dimensões políticas, de segurança e económicas, juntamente com questões históricas, sociais e identitárias. A transformação da narrativa ucraniana da «irmandade eslava» para o «outro como inimigo» é muito clara a este respeito. Estas dinâmicas mostram também como a UE se tornou locus de resistência, com a adesão a representar segurança e estabilidade contra a Rússia num novo contexto geopolítico²⁶.

UMA COMISSÃO E UM ALARGAMENTO GEOPOLÍTICOS: DINÂMICAS DE FRONTEIRA E DE RESISTÊNCIA

Alguns argumentam que o envolvimento da UE com os parceiros a leste não era em essência geopolítico, mas motivado por considerações normativas, assente em dinâmicas de interdependência e interconexão, sublinhando o papel da UE enquanto potência civil e normativa e evitando entrar num jogo de soma nula com a Rússia²⁷. Nesta linha, o entendimento é de que «o desentendimento entre a UE e a Rússia [se deve à] falta de pensamento estratégico claro por parte da UE ou à falta de uma abordagem geopolítica clara»²⁸. O termo «geopolítico» tem sido usado no jargão europeu para identificar uma abordagem à política externa focada na distribuição de poder militar e económico e nas dinâmicas de poder daí resultantes²⁹. Zaki Laïdi argumenta que a UE compreendeu que a interdependência pode ser transformada em arma para fins políticos, como as políticas de energia com a Rússia demonstram, e não implica necessariamente uma transformação liberal dos sistemas políticos, o que significa uma mudança radical na perceção que a UE tem do mundo³⁰. Josep Borrell, o anterior alto representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança afirmava que a UE precisa de

«rapidamente aprender a linguagem do poder, e não se ficar pelo *soft power*. [...] Num mundo de competição geoestratégica, em que vemos cada vez mais o uso da força de diferentes formas e em que os instrumentos económicos e outros são transformados em armas, devemos reaprender a linguagem do poder e conceber a Europa como um ator geoestratégico de primeira linha. Este ainda não é certamente o caso e é um processo de aprendizagem difícil e, no domínio da Política Comum de Segurança e Defesa, ainda estamos aquém das nossas ambições»³¹.

Este alinhamento abre a discussão sobre o posicionamento da União enquanto ator normativo que se procura afirmar com base nos seus valores e princípios constitutivos, e o modo como se pode conjugar com esta nova abordagem que aponta para

uma linguagem de poder, de estratégia e de geopolítica³², contida na dita «Comissão geopolítica».

Independentemente do discurso da própria UE, os países vizinhos e outros atores com interesses na região olham para a sua atuação em termos regionais como mobilizada por pressupostos geopolíticos³³. Isto tem sido mais evidente na vizinhança oriental, onde a Rússia interpretou a crescente influência da UE e o desejo de impor um projeto unilateral de construção de uma região como uma ameaça geopolítica na sua esfera de influência³⁴. Apesar de inicialmente a reação do Kremlin ter sido reservada, a preocupação de que a UE estivesse a criar a sua própria esfera de influência no espaço da Comunidade de Estados Independentes, limitando a Rússia no que esta descreve como estatuto de parceiro prioritário, bem como o desenvolvimento pela UE de uma alternativa aos planos integracionistas da Rússia naquela Comunidade, aliados ao «pânico» no outono de 2013 do governo ucraniano assinar um Acordo de Associação com a UE, claramente alteraram os dados da equação³⁵. No entanto, estes países situados nas fronteiras da Rússia e da UE deveriam poder prosseguir caminhos diversos nas suas políticas, sem necessariamente terem de optar por relações mais próximas com um ou outro destes atores. Este foi o racional para a atuação de alguns destes Estados no espaço pós-soviético, promovendo ao longo de vários anos políticas multivetoriais, como os casos da Ucrânia ou mesmo do Azerbaijão bem ilustram. Contudo, no outono de 2013, quando as autoridades ucranianas tiveram de optar entre integração no quadro da UE – com a assinatura do Acordo de Associação e da Área de Livre Comércio Abrangente e Aprofundada –, que estava na agenda, ou a sua integração na União Económica Euroasiática, que a Rússia patrocinava, a alternativa deixou de existir e fazer uma escolha tornou-se necessário. Naturalmente, esta escolha implica um alinhamento geopolítico diferenciado. Para David Cadier, isto significa um jogo de soma nula na geopolitização da política externa da UE, no sentido em que enclausura os Estados da vizinhança entre duas alternativas que são mutuamente exclusivas³⁶.

A vontade da UE para integrar a Ucrânia, a Moldavia e a Geórgia tem sido fortemente impulsionada pela necessidade de contrariar a crescente influência da Rússia na região. Desde a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014 e a invasão em larga escala da Ucrânia em 2022, a UE tem sublinhado que a estabilidade geopolítica na Europa Oriental está proximamente ligada à sua própria segurança. Este era já o racional da Parceria Oriental e da ideia de que o quadro mais alargado da Política de Vizinhança visava a criação de um «anel de amigos» em torno das fronteiras da União. Quando, em 2009, a Parceria Oriental é criada, separando as dimensões sul e leste da Política Europeia de Vizinhança, a questão de um maior envolvimento destes Estados com as políticas da UE altera as dinâmicas de fronteira, de lógicas de separação para maior integração, ainda que informal, e com um peso forte do imaginário de pertença europeu. A revisão da PEV, no outono de 2015, deixa explícito, pela primeira vez em documentos oficiais da UE, que a vizinhança é um espaço geopolítico e que a UE se deve envolver na resolução de conflitos na região³⁷.

O ALARGAMENTO É ASSIM PARTE DE UM MOVIMENTO ESTRATÉGICO PARA REFORÇAR AS FRONTEIRAS EXTERNAS DA UNIÃO, EM TERMOS SIMBÓLICOS E MATERIAIS, E NO PROCESSO DE CONTER A EXPANSÃO TERRITORIAL RUSSA.

O alargamento é assim parte de um movimento estratégico para reforçar as fronteiras externas da União, em termos simbólicos e materiais, e no processo de conter a expansão territorial russa. A estratégia de Bruxelas é de exclusão e isolamento da Rússia, o que não foi necessariamente o caso em 2009, aquando do lançamento da Parceria Oriental³⁸. É importante não esquecer que os três países que obtiveram estatuto de candidatos têm conflitos territoriais com a

Rússia: a Abcásia e a Ossétia do Sul na Geórgia, a Transnístria na Moldova, e a Crimeia e os territórios ocupados na guerra em curso na Ucrânia. «Para a UE, incorporar um país que está em guerra – ou, na verdade, que está a recuperar de um conflito devastador com uma parte significativa do seu território sob a soberania russa de facto – é um desafio formidável.»³⁹ A UE assume-se, assim, como locus de resistência face à agressão russa.

Desde o início da crise ucraniana, as discussões geopolíticas ganharam espaço no quadro da UE, com o enquadramento das dinâmicas de democratização como contraponto ao modelo autoritário russo. Tornou-se evidente que a segurança regional não pode ser desconectada das políticas da União em relação aos Estados nas suas fronteiras externas, e que a cooperação económica e o desenvolvimento institucional não são suficientes no novo quadro geopolítico, no qual as garantias de segurança assumem nova dimensionalidade. Se a Parceria Oriental visava uma dinâmica de desfrontereirização, a insegurança que se desenvolveu em torno das fronteiras externas da UE, seja sob a forma de gasodutos e oleodutos, de fluxos migratórios ou de instabilidade política, contribuiu para processos de fortalecimento de fronteiras que procuram isolar a UE de ameaças externas⁴⁰. Por outro lado, deve ser notado que as desigualdades que sempre pautaram estas relações entre a UE e os países da Parceria Oriental, também entre eles diversos, contribuíram para processos de redefinição de fronteiras que limitaram tanto a dinâmica regional de integração como o posicionamento político da UE neste espaço. O novo alargamento a leste reforça estas dinâmicas, enquadradas nos acontecimentos que têm vindo a redefinir a segurança europeia e nos documentos estratégicos que a UE adotou, e que devem ser lidos em contexto.

A Bússola Estratégica de 2022, no preâmbulo escrito pelo então alto representante Josep Borrell, afirma a necessidade de

«garantir que transformamos o despertar geopolítico da UE numa postura estratégica mais permanente, pois há muito mais para fazer. A essência do que a UE fez ao reagir à invasão da Rússia foi unir-se e utilizar todas as suas políticas e capacidades como instrumentos de poder. Mostrámos que estamos dispostos a pagar um preço elevado para defender a nossa segurança e a dos nossos parceiros – o preço da liberdade»⁴¹.

O documento acrescenta que a UE precisa de «dar um salto quântico para desenvolver uma União Europeia mais forte e mais capaz, que atue como provedora de segurança, com base nos valores fundamentais da União»⁴². Se, no documento estratégico anterior, a Estratégia Global adotada em 2016, a resiliência e o pragmatismo de princípios abriam caminho para uma abordagem menos normativa, a Bússola Estratégica assume no seu conteúdo e linguagem uma abordagem claramente mais geopolítica – na Estratégia Global a palavra «geopolítica/o» não é usada, mas na Bússola Estratégica ela aparece 15 vezes no texto. A Estratégia Global deixa uma indicação de mudança para uma abordagem de resiliência focada no desenvolvimento de capacidades de resposta e maior autonomia, no quadro da UE e dos seus parceiros. Isto implica uma «mudança geopolítica» na medida em que o interesse estratégico e o «pragmatismo de princípios» ganharam espaço e foi reconhecida a relevância das capacidades militares, enfatizando a segurança da União e da vizinhança, e limitando as referências à democratização⁴³. A ideia de base, de que ao oferecer incentivos económicos e participação, ainda que parcial, no processo de integração, a UE mobilizaria os vizinhos a comprometerem-se com reformas democráticas e de mercado, revelou limites. Face ao parco resultado desta estratégia e à crescente instabilidade a sul e a leste, a Estratégia Global foca-se mais claramente na proteção dos interesses da União e em assegurar estabilidade e resiliência⁴⁴. Ficam aqui também, de algum modo, assumidos os limites da Política de Vizinhança e da Parceria Oriental nas dinâmicas de estabilização da vizinhança⁴⁵.

Neste quadro, a Política de Alargamento vem esvaziar ainda mais a Parceria Oriental, ao oferecer estatuto de candidato a três dos parceiros abrangidos por esta iniciativa, tendo a Bielorrússia suspenso a sua participação, o Azerbaijão sempre mantido uma postura de privilégio da dimensão económica sem reformas democráticas ou condicionamentos de princípios, e a Arménia mantido um rumo de aproximação lenta à UE num contexto de grande dependência da Rússia. Reconhecendo que o seu envolvimento com os países da vizinhança se revelou sempre limitado face aos avanços e ameaças russas, a UE avançou com a possibilidade de adesão do «trio», lida como uma viragem de página. Ao candidatarem-se à adesão à UE, a Moldova, a Ucrânia e a Geórgia fizeram uma declaração clara sobre o seu entendimento de segurança europeia e das práticas fronteiriças. De facto, esta alteração reposiciona a UE, que se pretende tornar um ator geopolítico mais robusto, em linha com os compromissos e aspirações dos seus tratados. Se a UE falhar neste desígnio, estará a sinalizar à Rússia que o uso da força e as intervenções militares ganham, e que a autocracia prevalece sobre os valores democráticos⁴⁶. A UE assume-se claramente como um ator que pretende ter um papel mais ativo na sua área de vizinhança contra a agressão russa, de que o apoio material e humano à Ucrânia é exemplo⁴⁷, aumentando a sua influência geopolítica por forma a assegurar que os países da vizinhança permaneçam próximos da Europa Ocidental, quer em termos políticos e económicos, quer de segurança.

O alargamento assume, deste modo, contornos geopolíticos e um papel fundamental na garantia de que a ordem europeia não se desmorone sob a pressão de potências autoritárias e revisionistas como a Rússia. A narrativa russa tornou-se linear nas suas críticas ao Ocidente, destacando o exercício da culpa que permeou a política externa russa e procurando reverter responsabilidades: «[foram] eles que iniciaram a guerra. E agora estamos a usar a força para acabar com isto»⁴⁸. O espaço político para dinâmicas de desfronteirização na Europa alargada encolheu. As barreiras que ressurgiram

AO INCLUIR PAÍSES COMO A UCRÂNIA E A MOLDOVA NA VIA DO ALARGAMENTO, A UE ESTÁ A FAZER UMA DECLARAÇÃO CLARA DE QUE PRETENDE EXPANDIR A SUA ZONA DE ESTABILIDADE, AGORA COM CONTORNOS INSTITUCIONALIZADOS FORMAIS.

entre a Europa Ocidental, e os que pretendem aderir à UE, e a Rússia, são reforçadas diariamente pela violência na Ucrânia. Assim, ao incluir países como a Ucrânia e a Moldova na via do alargamento, a UE está a fazer uma declaração clara de que pretende expandir a sua zona de estabilidade,

agora com contornos institucionalizados formais, promovendo refronteirização em relação à Rússia e à Bielorrússia, e eliminando qualquer tipo de barreira física ou simbólica em relação aos países candidatos. A presidente da Comissão, von der Leyen, tem tido uma voz muito presente no apoio ao alargamento. Entende que precisamos de

«ultrapassar os velhos debates binários sobre o alargamento. Não se trata de aprofundar a integração ou de alargar a União. Podemos e devemos fazer as duas coisas. Para nos dar o peso geopolítico e a capacidade de agir. Foi isso que a nossa União sempre fez. [...] Provámos que podemos ser uma União geopolítica e mostrámos que podemos avançar rapidamente quando estamos unidos. E acredito que a *team Europe* também trabalha com 30+»⁴⁹.

No discurso que marcou dois anos de agressão russa na Ucrânia, von der Leyen sublinhou o curso reformista que a Ucrânia tem seguido, mesmo em contexto de guerra, com a adoção de

«nova legislação para expandir os direitos das minorias nacionais, para melhorar o sistema judicial e para garantir controlos e equilíbrios de poder. Foi isto que nos levou ao lançamento das negociações de adesão. E, este progresso não está a acontecer apenas porque a Europa o pede. Este é o desejo profundo do povo da Ucrânia. A Ucrânia é a Europa, porque a Europa está nos corações e nas mentes dos ucranianos. E, em breve, a Ucrânia também estará na nossa União»⁵⁰.

O Presidente ucraniano sublinha como o seu país, em guerra, está a lutar por uma Europa livre e democrática, donde o destino do país só pode ser na UE.

«Os ucranianos tornarão sempre a Europa mais forte! [...] Todos nós nesta sala, todos os que estão connosco na defesa da liberdade e da Europa, somos mais do que líderes e políticos, ativistas da sociedade civil e diplomatas. Somos todos fundadores da paz. Exatamente os fundadores da paz. Este é o nosso dever primordial para com os nossos países, para com a nossa Europa e para com a nossa história.»⁵¹

A resistência implícita em relação à agenda hegemónica da Rússia no espaço pós-soviético torna-se evidente também no caso da Moldova. A reconceptualização das fronteiras e da segurança por oposição ao «outro» agressor tornou-se muito presente na narrativa. Por exemplo, a Presidente da Moldova, Maia Sandu, sublinhou que

«[a]o candidatar-nos para aderir à União Europeia, queremos que o mundo saiba: escolhemos a democracia em vez da autocracia, a liberdade em vez da opressão, a paz em vez da guerra e a prosperidade em vez da pobreza. O estatuto de candidato à UE dá-nos esperança, um claro sentido de direção, um objetivo unificador, uma âncora e um forte sentimento de pertença. De pertencer ao mundo livre»⁵².

Neste contexto, o caso da Geórgia implica várias questões pela zona cinzenta em que se situa, enquanto país candidato reticente, e cujas políticas internas se assumiram menos pró-europeias, e claramente mais favoráveis a uma aproximação a Moscovo, consequentemente promovendo a refronteirização das relações, quando o inverso era o objetivo. A Comissão Europeia interrompeu o processo de adesão da Geórgia à UE em outubro de 2024 com base na adoção de legislação que restringe os princípios do Estado de direito, bem como direitos fundamentais, incluindo a lei dos agentes externos que identifica e limita a ação de agências e atores locais cujo financiamento estrangeiro é considerado uma ameaça ao interesse nacional, contrariando os princípios de base da União⁵³. No mês seguinte, é a vez do primeiro-ministro georgiano Irakli Kobakhidze de suspender o processo de adesão, com base na decisão do Parlamento Europeu de não reconhecimento do processo legislativo no país, criticando a UE de chantagem, e adiando um possível início das negociações de adesão para 2028⁵⁴. Isto demonstra de forma clara como os processos são reversíveis e revela uma consequência não intencional de políticas que, visando pressão no sentido de reformas, podem chocar com dinâmicas internas de contestação e/ou resistência. No processo de reforço da segurança europeia em que as dinâmicas de fronteira têm assumido protagonismo, nem sempre as lógicas de integração têm prevalecido, como ilustrado pelo caso da Geórgia.

CONCLUSÃO

A guerra na Ucrânia alterou fundamentalmente a abordagem da UE relativamente ao alargamento numa lógica mais geopolítica imbuída de preocupações de segurança, por um lado, nas suas fronteiras externas a abordagem da UE procurou fluidez através da

promoção de valores e princípios que aproximam estes estados da União; por outro, quanto mais os Estados rejeitam os valores da UE, mais a sua alteridade é reificada como afastamento geográfico⁵⁵. Face à agressão russa, a UE alterou a sua Política de Alargamento para incluir países que são parceiros estratégicos na segurança das suas fronteiras, no reforço dos seus valores e no combate às ameaças externas, nomeadamente a Moldova, a Ucrânia e a Geórgia. Isto marca uma mudança na abordagem anterior da UE, em que o alargamento era visto em grande parte através da lente da integração económica e das reformas internas, para uma visão mais geopolítica que procura fortalecer a posição da União num cenário internacional em mudança e face à vizinha Rússia revisionista. A «Europa geopolítica», nas palavras de Laïdi, já não é uma opção, mas uma condição para a sobrevivência da Europa⁵⁶.

A narrativa mostra claramente a relevância de combinar o ator normativo, com as componentes do Estado de direito, da democracia e dos direitos humanos que informam a atuação da UE, com uma abordagem mais estratégica, sublinhada pelo pragmatismo de princípios e por resiliência normativa e material. As dinâmicas de fronteira materializam a perceção de ameaças e respostas nos processos conflituantes de desfronteirização e refrenteirização da UE nas relações com a sua área de vizinhança alargada. Se a Parceria Oriental significava desfronteirização, o alargamento geopolítico é claramente sinónimo de refrenteirização face à Rússia. Deste modo, a UE tem vindo a assumir-se como *locus* de resistência, com a perspectiva de adesão destes países a confirmar uma visão de antagonismo face a Moscovo. Nestes processos, a definição do «outro» assumiu uma dupla via: por um lado, na Rússia enquanto o «outro-ameaça», e, por outro, no próprio passado da UE enquanto o «outro-eu-violento» a que não quer retornar. Neste quadro marcadamente geopolítico, a Política de Alargamento caminha de mãos dadas com a credibilidade da UE, na sua capacidade de resposta num contexto contestado. **RI**

Data de receção: 18 de fevereiro de 2025 | Data de aprovação: 23 de abril de 2025

Maria Raquel Freire Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e professora de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC). É ainda professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa

Catarina, Brasil. Os seus interesses de investigação centram-se nos estudos para a paz, política externa, segurança internacional, União Europeia e Eurásia.

> FEUC, Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 Coimbra, Portugal | rfreire@fe.uc.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2952-6017>

- 1 A presente publicação é resultado de trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito da Unidade de I&I Financiamento Plurianual I Programa Financiamento Plurianual de Unidade I&D (UIDP/50012/2020) e do projeto Marie Curie Staff Exchange (CARSI, no: 101086415).
- 2 SCHIMMELFENNIG, Frank – «EU political accession conditionality after the 2004 enlargement: consistency and effectiveness». In *Journal of European Public Policy*. Vol. 15, N.º 6, 2008, pp. 918-937.
- 3 As dificuldades que têm envolvido o processo de alargamento aos Balcãs Ocidentais devem ser também consideradas.
- 4 BECHEV, Dimitar – «Can EU enlargement work?». Carnegie Europe. Bruxelas. 20 de junho de 2024. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/research/2024/06/can-eu-enlargement-work?lang=en¢er=europe>; «HUNGARY'S VIKTOR Orbán threatens to blow up EU's Ukraine policy». POLITICO. 22 de novembro de 2023. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/hungary-viktor-orban-threatens-to-blow-up-eu-ukraine-policy-european-union/>.
- 5 BECHEV, Dimitar – «Can EU enlargement work?».
- 6 Por exemplo, KOROSTELEVA, Elena A. – «Evaluating the role of partnership in the European Neighbourhood Policy: the eastern neighbourhood». In *Eastern Journal of European Studies*. Vol. 4, N.º 2, 2013, pp. 11-36. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://ejes.uaic.ro/articles/EJES2013_0402_KOR.pdf.
- 7 DABROWSKI, Marek – «The European Union's geopolitical ambitions: enlargement, neighbourhood and necessary institutional changes». In *Intereconomics*. Vol. 59, N.º 6, 2024, p. 327.
- 8 Ver notas 54 e 55 neste texto.
- 9 *A STRATEGIC COMPASS for Security and Defence for a European Union that Protects its Citizens, Values and Interests and Contributes to International Peace and Security*. 2016. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://www.eeas.europa.eu/sites/default/files/documents/strategic_compass_en3_web.pdf.
- 10 *SHARED VISION, Common Action: A Stronger Europe. A Global Strategy for the European Union's Foreign and Security Policy*. Bruxelas. EUGS. European Commission and High Representative of the EU for Foreign Affairs and Security Policy. Junho de 2016. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://www.eeas.europa.eu/sites/default/files/eugs_review_web_0.pdf.
- 11 BIERSECK, John; O'LEAR, Shannon – «The geopolitics of Russia's annexation of Crimea: narratives, identity, silences, and energy». In *Eurasian Geography and Economics*. Vol. 55, N.º 3, 2014, pp. 247-269. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15387216.2014.985241>.
- 12 FREIRE, Maria Raquel – «Power and security in the Mediterranean Global South and at the eastern EU borders: Russia in Syria and Ukraine». In *Border Crises and Human Mobility in the Mediterranean Global South*. Cham: Springer International Publishing, 2022, pp. 67-89. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-030-90295-7_4.
- 13 A Parceria Oriental, criada em 2009, inclui a Arménia, o Azerbaijão, a Bielorrússia, a Geórgia, a Moldova e a Ucrânia. A Bielorrússia manteve uma postura de cooperação limitada neste formato. A UE não reconheceu os resultados das eleições presidenciais de agosto de 2020, tendo a relação deteriorado com a imposição de sanções ao regime de Lukashenko, que tem apoiado a Rússia desde o início da guerra na Ucrânia. A Bielorrússia suspendeu a sua participação em junho de 2021.
- 14 SENDHARDT, Bastian – «Border types and bordering processes: a theoretical approach to the EU/Polish-Ukrainian border as a multi-dimensional phenomenon». In *Borders and Border Regions in Europe. Changes, Challenges and Chances*. Transcript Verlag, 2013, p. 25; KOLOSSOV, Vladimir; SCOTT, James – «Selected conceptual issues in border studies». In *Belgeo*. N.º 1, 2013, p. 1.
- 15 SENDHARDT, Bastian – «Border types and bordering processes...». p. 25; JACOBS, Joren; VAN ASSCHE, Kristof – «Understanding empirical boundaries: a systems-theoretical avenue in border studies». In *Geopolitics*. Vol. 19, N.º 1, 2014, p. 183.
- 16 SENDHARDT, Bastian – «Border types and bordering processes...». p. 29.
- 17 COMISSÃO EUROPEIA – «Statement by President von der Leyen on further measures to respond to the Russian invasion of Ukraine». 27 de fevereiro de 2022. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/api/files/document/print/%20en/statement_22_1441/.
- 18 DIAS, Vanda Amaro; FREIRE, Maria Raquel – «Insecurities in EU border management: the unintended consequences of securitization processes in the Mediterranean». In *methaodos.revista de ciencias sociales*. Vol. 10, N.º 2, 2022, pp. 297-311.
- 19 DIEZ, Thomas – «Europe's others and the return of geopolitics». In *Cambridge Review of International Affairs*. Vol. 17, N.º 2, 2004, pp. 319-335.
- 20 OHMAE, Kenichi – *The Borderless World*. Londres: Profile Books, 1994.
- 21 KOLOSSOV, Vladimir; SCOTT, James – «Selected conceptual issues in border studies», p. 4.
- 22 NEUMANN, Iver B.; WELSH, Jennifer M. – «The other in European self-definition: an addendum to the literature on international society». In *Review of International Studies*. Vol. 17, N.º 4, 1991, p. 347.
- 23 ZOURABICHVILI, Salome – «Georgian President addresses European Parliament [full speech]». Georgian Public Broadcasting. 31 de maio de 2023. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://1tv.ge/lang/en/news/georgian-president-addresses-european-parliament-full-speech/>.
- 24 ADLER-NISSEN, Rebecca – «The social self in International Relations». In *European Review of International Studies*. Vol. 3, N.º 3, 2016, p. 36.
- 25 «ZELENSKY REFUSES US offer to evacuate, saying 'I need ammunition, not a ride'». CNN. 26 de fevereiro de 2022. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2022/02/26/europe/ukraine-zelensky-evacuation-intl/index.html>.
- 26 FREIRE, Maria Raquel – «Reconfiguring dynamics of bordering/debordering in EU-eastern neighbours' relations: the EU as locus of resistance». In *New Perspectives*. Vol. 32, N.º 3, 2024, pp. 240-256.
- 27 CROMBOIS, Jean F. – «Which geopolitics for the European Union? The EU's Eastern Partnership». In *International Relations and Diplomacy*. Vol. 3, N.º 7, 2015, pp. 480-486.
- 28 *Ibidem*, p. 483.
- 29 LEHNE, Stefan – «How the EU can survive in a geopolitical age». Carnegie Europe. 25 de fevereiro de 2020, pp. 1-2. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/research/2020/02/how-the-eu-can-survive-in-a-geopolitical-age?lang=en¢er=europe>.
- 30 LAÏDI, Zaki – «The meaning of geopolitical Europe: a response to Hans Kundnani». In *Internationale Politik Quarterly*. 16 de janeiro de 2023. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://ip-quarterly.com/en/meaning-geopolitical-europe-response-hans-kundnani>.
- 31 EUROPEAN EXTERNAL ACTION SERVICE – «Several outlets – Europe must learn quickly to speak the language of power». 29 de outubro de 2020. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://www.eeas.europa.eu/eeas/several-outlets-europe-must-learn-quickly-speak-language-power_und_en.
- 32 LEHNE, Stefan – «How the EU can survive in a geopolitical age», p. 1.

- 33** KHASSEON, Viktoriya – «Cross-border cooperation over the eastern EU border: between assistance and partnership under the European Neighbourhood and Partnership Instrument». In *East European Politics*. Vol. 29, N.º 3, 2013, pp. 328-343. DOI: <https://doi.org/10.1080/21599165.2013.807802>.
- 34** NITOIU, Cristian; SUS, Monika – «Introduction: the rise of geopolitics in the EU's approach in its eastern neighbourhood». In *Geopolitics*. Vol. 24, N.º 1, 2011, p. 3.
- 35** ALEXANDROVA-ARBATOVA, Nadia – «A Russian view on the Eastern Partnership». Clingendael. 23 de março de 2016. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.clingendael.org/publication/russian-view-eastern-partnership>.
- 36** CADIER, David – *The Geopolitics of Eurasian Economic Integration*. Londres: LSE IDEAS, 2014. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.lse.ac.uk/ideas/Assets/Documents/reports/LSE-IDEAS-Geopolitics-of-Eurasian-Economic-Intergration.pdf>. A este propósito, o Acordo de Parceria Abrangente e Reforçado assinado entre a UE e a Arménia em 2017 é interessante, dado a Arménia ser membro da União Económica Euroasiática e se ter encontrado uma fórmula compatível que não implica uma dinâmica exclusivista.
- 37** NITOIU, Cristian; SUS, Monika – «Introduction...», p. 9.
- 38** BECHEV, Dimitar – «Can EU enlargement work?».
- 39** *Ibidem*.
- 40** FREIRE, Maria Raquel – «Reinforcing EU's actorness? A look at EU's reshaping of security». In *EU Geopolitical Actorness in a Changing World*. Londres: Palgrave Macmillan, 2025, pp. 29-53.
- 41** *A STRATEGIC COMPASS for Security and Defence for a European Union that Protects its Citizens, Values and Interests and Contributes to International Peace and Security*, p. 5.
- 42** *Ibidem*, p. 15.
- 43** BISCOP, Sven – «The EU global strategy: *Realpolitik* with European characteristics». Egmont Institute. 2016. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <http://www.jstor.com/stable/resrep06638>.
- 44** LEHNE, Stefan – «How the EU can survive in a geopolitical age», p. 3.
- 45** Ver, por exemplo, SASSE, Gwendolyn – «The European Neighbourhood Policy: conditionality revisited for the EU's eastern neighbours». In *Europe-Asia Studies*. Vol. 60, N.º 2, 2008, pp. 295-316; HAU-KALA, Hiski – «The EU's regional normative hegemony encounters hard realities: the revised European Neighbourhood Policy and the Ring of Fire». In *The Revised European Neighbourhood Policy*. Londres: Palgrave Macmillan, 2017, pp. 77-94.
- 46** AKHVLEDIANI, Tinatin – «Geopolitical and security concerns of the EU's enlargement to the East: the case of Ukraine, Moldova and Georgia». In *Intereconomics*. Vol. 57, N.º 4, 2022, pp. 226-227.
- 47** EUROPEAN UNION – «EU support for Ukraine». 2024. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://european-union.europa.eu/priorities-and-actions/eu-support-ukraine_en.
- 48** PUTIN, Vladimir – «Presidential Address to Federal Assembly. President of Russia official website». The Kremlin. 2023. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/70565>.
- 49** EUROPEAN COMMISSION – «2023 State of the Union Address by President von der Leyen». 13 de setembro de 2023. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/speech_23_4426.
- 50** EUROPEAN COMMISSION – «Speech by President von der Leyen at the European Parliament Plenary on the need for unwavering EU support for Ukraine, after two years of Russia's war of aggression against Ukraine». 6 de fevereiro de 2024. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://neighbourhood-enlargement.ec.europa.eu/news/speech-president-von-der-leyen-european-parliament-plenary-need-unwavering-eu-support-ukraine-after-2024-02-06_en.
- 51** ZELENESKY, Volodymyr – «Europe and other parts of the world should not be a place where the ambitions of tyrants destroy the lives of nations. Speech by President of Ukraine at the International Charlemagne Prize of Aachen award ceremony». President of Ukraine Volodymyr Zelenskyy official website. 14 de maio de 2023. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.president.gov.ua/en/news/yevropa-ta-inshih-chastini-zemli-ne-mayut-buti-miscem-de-ambi-82901>.
- 52** SANDU, Maia – «Statement by H.E. Maia Sandu, President of the Republic of Moldova. Delivered at the General Debate of the 77th Session of the UN General Assembly». Presidency of the Republic of Moldova. 21 de setembro de 2022. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://presedinte.md/eng/discursuri/declaratia-es-maia-sandu-presedinta-republicii-moldova-la-dezbaterea-general-a-din-cadrul-celei-de-a-77-a-sesiuni-a-adunarii-generale-a-onu>.
- 53** EUROPEAN COMMISSION – «Georgia 2024 Report accompanying the document "Communication from the Commission to the European Parliament, the Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of Regions 2024". Communication on EU enlargement policy». SWD(2024) 697 final, p. 3. Bruxelas. 30 de outubro de 2024.
- 54** EUROPEAN COMMISSION – «Statement by the High Representative / Vice-President of the Commission Kaja Kallas and Commissioner for Enlargement Marta Kos on Georgia». 1 de dezembro de 2024. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/statement_24_6161.
- 55** NITOIU, Cristian; SUS, Monika – «Introduction...», p. 3.
- 56** LAÏDI, Zaki – «The meaning of geopolitical Europe...».

BIBLIOGRAFIA

- A *STRATEGIC COMPASS for Security and Defence for a European Union that Protects its Citizens, Values and Interests and Contributes to International Peace and Security*. 2016. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://www.eeas.europa.eu/sites/default/files/documents/strategic_compass_en3_web.pdf.
- ADLER-NISSEN, Rebecca – «The social self in International Relations». In *European Review of International Studies*. Vol. 3, N.º 3, 2016, pp. 27-39. DOI: <https://doi.org/10.3224/eris.v3i3.27340>.
- AKHVEDIANI, Tinatin – «Geopolitical and security concerns of the EU's enlargement to the East: the case of Ukraine, Moldova and Georgia». In *Intereconomics*. Vol. 57, N.º 4, 2022, pp. 225-228. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10272-022-1067-0>.
- ALEXANDROVA-ARBATOVA, Nadia – «A Russian view on the Eastern Partnership». Clingendael. 23 de março de 2016. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.clingendael.org/publication/russian-view-eastern-partnership>.
- BECHEV, Dimitar – «Can EU enlargement work?». Carnegie Europe. Bruxelas. 20 de junho de 2024. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/research/2024/06/can-eu-enlargement-work?lang=en¢er=europe>.
- BIERSACK, John; O'LEAR, Shannon – «The geopolitics of Russia's annexation of Crimea: narratives, identity, silences, and energy». In *Eurasian Geography and Economics*. Vol. 55, N.º 3, 2014, pp. 247-269. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1080/015387216.2014.985241>.
- BISCOP, Sven – «The EU global strategy: Realpolitik with European characteristics». Egmont Institute. 2016. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <http://www.jstor.com/stable/resrep06638>.
- CADIER, David – *The Geopolitics of Eurasian Economic Integration*. Londres: LSE IDEAS, 2014. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.lse.ac.uk/ideas/Assets/Documents/reports/LSE-IDEAS-Geopolitics-of-Eurasian-Economic-Intergration.pdf>.
- CROMBOIS, Jean F. – «Which geopolitics for the European Union? The EU's Eastern Partnership». In *International Relations and Diplomacy*. Vol. 3, N.º 7, 2015, pp. 480-486. DOI: [10.17265/2328-2134/2015.07.005](https://doi.org/10.17265/2328-2134/2015.07.005).
- DABROWSKI, Marek – «The European Union's geopolitical ambitions: enlargement, neighbourhood and necessary institutional changes». In *Intereconomics*. Vol. 59, N.º 6, 2024, pp. 327-331.
- DIAS, Vanda Amaro; FREIRE, Maria Raquel – «Insecurities in EU border management: the unintended consequences of securitization processes in the Mediterranean». In *methaodos.revista de ciencias sociales*. Vol. 10, N.º 2, 2022, pp. 297-311. DOI: <https://dx.doi.org/10.17502/mrcs.v10i2.561>.
- DIEZ, Thomas – «Europe's others and the return of geopolitics». In *Cambridge Review of International Affairs*. Vol. 17, N.º 2, 2004, pp. 319-335. DOI: <https://doi.org/10.1080/0955757042000245924>.
- EUROPEAN COMMISSION – «Statement by President von der Leyen on further measures to respond to the Russian invasion of Ukraine». 27 de fevereiro de 2022. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/api/files/document/print/%20en/statement_22_1441/.
- EUROPEAN COMMISSION – «2023 State of the Union Address by President von der Leyen». 13 de setembro de 2023. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/speech_23_4426.
- EUROPEAN COMMISSION – «Speech by President von der Leyen at the European Parliament Plenary on the need for unwavering EU support for Ukraine, after two years of Russia's war of aggression against Ukraine». 6 de fevereiro de 2024. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://neighbourhood-enlargement.ec.europa.eu/news/speech-president-von-der-leyen-european-parliament-plenary-need-unwavering-eu-support-ukraine-after-2024-02-06_en.
- EUROPEAN COMMISSION – «Georgia 2024 Report accompanying the document "Communication from the Commission to the European Parliament, the Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of Regions 2024", Communication on EU enlargement policy». SWD(2024) 697 final. Bruxelas. 30 de outubro de 2024.
- EUROPEAN COMMISSION – «Statement by the High Representative / Vice-President of the Commission Kaja Kallas and Commissioner for Enlargement Marta Kos on Georgia». 1 de dezembro de 2024. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/statement_24_6161.
- EUROPEAN EXTERNAL ACTION SERVICE – «Several outlets – Europe must learn quickly to speak the language of power». 29 de outubro de 2020. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://www.eeas.europa.eu/eeas/several-outlets-europe-must-learn-quickly-speak-language-power_und_en.
- EUROPEAN UNION – «EU support for Ukraine». 2024. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://european-union.europa.eu/priorities-and-actions/eu-support-ukraine_en.
- FREIRE, Maria Raquel – «Power and security in the Mediterranean Global South and at the eastern EU borders: Russia in Syria and Ukraine». In *Border Crises and Human Mobility in the Mediterranean Global South*. Cham: Springer International Publishing, 2022, pp. 67-89. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-030-90295-7_4.
- FREIRE, Maria Raquel – «Reconfiguring dynamics of bordering/debordering in EU-eastern neighbours' relations: the EU as locus of resistance». In *New Perspectives*. Vol. 32, N.º 3, 2024, pp. 240-256. DOI: <https://doi.org/10.1177/2336825X2412409>.
- FREIRE, Maria Raquel – «Reinforcing EU's actorness? A look at EU's reshaping of security». In *EU Geopolitical Actorness in a Changing World*. Londres: Palgrave Macmillan, 2025, pp. 29-53. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-031-81160-9_2.
- HAUKKALA, Hiski – «The EU's regional normative hegemony encounters hard realities: the revised European Neighbourhood Policy and the Ring of Fire». In *The Revised European Neighbourhood Policy*. Londres: Palgrave Macmillan, 2017, pp. 77-94. DOI: https://doi.org/10.1057/978-1-137-47182-6_4.
- «HUNGARY'S VIKTOR Orbán threatens to blow up EU's Ukraine policy». POLITICO. 22 de novembro de 2023. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/hungary-viktor-orban-threatens-to-blow-up-eu-ukraine-policy-european-union/>.
- JACOBS, Joren; VAN ASSCHE, Kristof – «Understanding empirical boundaries: a systems-theoretical avenue in border studies». In *Geopolitics*. Vol. 19, N.º 1, 2014, pp. 182-205. DOI: <https://doi.org/10.1080/14650045.2013.830106>.
- KHASSON, Viktoriya – «Cross-border cooperation over the eastern EU border: between assistance and partnership under the European Neighbourhood and Partnership Instrument». In *East European Politics*. Vol. 29, N.º 3, 2013, pp. 328-343. DOI: <https://doi.org/10.1080/21599165.2013.807802>.
- KOLOSSOV, Vladimir; SCOTT, James – «Selected conceptual issues in border studies». In *Belgeo*. N.º 1, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4000/belgeo.10532>.
- KOROSTELEVA, Elena A. – «Evaluating the role of partnership in the European Neighbourhood Policy: the eastern neighbourhood». In *Eastern Journal of European Studies*. Vol. 4, N.º 2, 2013, pp. 11-36. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://ejes.uaic.ro/articles/EJES2013_0402_KOR.pdf.
- LAÏDI, Zaki – «The meaning of geopolitical Europe: a response to Hans Kundnani». In *Internationale Politik Quarterly*. 16 de janeiro de 2023. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.international-politik.com/2023/01/16/meaning-of-geopolitical-europe-a-response-to-hans-kundnani/>.

ip-quarterly.com/en/meaning-geopolitical-europe-response-hans-kundnani.

LEHNE, Stefan – «How the EU can survive in a geopolitical age». Carnegie Europe. 25 de fevereiro de 2020, pp. 1-2. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/research/2020/02/how-the-eu-can-survive-in-a-geopolitical-age?lang=en¢er=europe>.

NEUMANN, Iver B.; WELSH, Jennifer M. – «The other in European self-definition: an addendum to the literature on international society». In *Review of International Studies*. Vol. 17, N.º 4, 1991, pp. 327-348. DOI: 10.1017/s0260210500112045.

NITOIU, Cristian; SUS, Monika – «Introduction: the rise of geopolitics in the EU's approach in its eastern neighbourhood». In *Geopolitics*. Vol. 24, N.º 1, 2018, pp. 1-19. DOI: <https://doi.org/10.1080/14650045.2019.1544396>.

OHMAE, Kenichi – *The Borderless World*. Londres: Profile Books, 1994.

PUTIN, Vladimir – «Presidential Address to Federal Assembly. President of Russia official website». The Kremlin. 2023. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/70565>.

SANDU, Maia – «Statement by H.E. Maia Sandu, President of the Republic of Moldova. Delivered at the General Debate of the 77th Session of the UN General Assembly». Presidency of the Republic of

Moldova. 21 de setembro de 2022. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://presedinte.md/eng/discursuri/declaratia-es-maia-sandu-presedinta-republicii-moldova-la-dezbaterea-general-a-din-cadrul-celei-de-a-77-a-sesiuni-a-adunarii-generale-a-onu>.

SASSE, Gwendolyn – «The European Neighbourhood Policy: conditionality revisited for the EU's eastern neighbours». In *Europe-Asia Studies*. Vol. 60, N.º 2, 2008, pp. 295-316. DOI: <https://doi.org/10.1080/09668130701820150>.

SCHIMMELFENNIG, Frank – «EU political accession conditionality after the 2004 enlargement: consistency and effectiveness». In *Journal of European Public Policy*. Vol. 15, N.º 6, 2008, pp. 918-937. DOI: <https://doi.org/10.1080/13501760802196861>.

SENDHARDT, Bastian – «Border types and bordering processes: a theoretical approach to the EU/Polish-Ukrainian border as a multi-dimensional phenomenon». In *Borders and Border Regions in Europe. Changes, Challenges and Chances*. Transcript Verlag, 2013, pp. 21-43. DOI: <https://doi.org/10.14361/transcript.9783839424421>.

SHARED VISION, Common Action: A Stronger Europe. A Global Strategy for the European Union's Foreign and Security Policy. Bruxelas. EUGS. European Commission and High Representative of the EU for Foreign Affairs and Security Policy. Junho de 2016. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: https://www.eeas.europa.eu/sites/default/files/eugs_review_web_0.pdf.

ZELENSKY, Volodymyr – «Europe and other parts of the world should not be a place where the ambitions of tyrants destroy the lives of nations. Speech by President of Ukraine at the International Charlemagne Prize of Aachen award ceremony». President of Ukraine Volodymyr Zelenskyy official website. 14 de maio de 2023. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.president.gov.ua/en/news/yevropa-ta-inshi-chastini-zemli-ne-mayut-buti-miscem-de-ambi-82901>.

«ZELENSKY REFUSES US offer to evacuate, saying "I need ammunition, not a ride"». CNN. 26 de fevereiro de 2022. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2022/02/26/europe/ukraine-zelensky-evacuation-intl/index.html>.

ZOURABICHVILI, Salome – «Georgian President addresses European Parliament [full speech]». Georgian Public Broadcasting. 31 de maio de 2023. Consultado em: 30 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://1tv.ge/lang/en/news/georgian-president-addresses-european-parliament-full-speech/>.